

CORPOS NEGROS CONTADORES DE HISTÓRIAS

Autor: Raquel Silveira Rita Dias
Mestra em Educação-UFPeI

Orientadora: Paula Corrêa Henning
Doutora em Educação-UNISINOS

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

rakssilveira@gmail.com
paula.c.henning@gmail.com

Pontuamos a dança afro como “saber sujeitoado” (FOUCAULT, 2005), isto é, saberes que estão a nossa volta, que foram construídos há longa data, mas que são ocultados, desqualificados, por vezes, não entram na ordem do dizível, mas que podem apresentar-se como uma potente ferramenta para/de discussão. Falamos do corpo negro em seu cotidiano e pensamos nossas velhas e novas histórias, a de trabalhadores escravizados inicialmente vindos do continente africano, vivendo a diáspora, em região de clima frio, como experiência de movimento e manifestação corporal no Rio Grande do Sul.

No movimento da diáspora africana e nos movimentos da dança afro, estão presentes lutas, formas de resistências, religiosidade, saberes e fazeres que constituem a história dos afros rio-grandenses, fazendo em forma de movimento, a história do Rio Grande do Sul.

Não pensamos as questões étnico-raciais negras de maneira simplista, sem inter-relações. É através dessas inter-relações que se torna possível pensa-la como um saber sujeitoado, que desloca certezas e produz outras verdades, destacando outras facetas sobre o negro que ainda insistem em ser silenciadas, não entrando na ordem discursiva do que se entende por verdadeiro neste tempo.

Buscamos elucidar algumas ideias de metodologia antirracista (DEI, 2008). Não é possível simplesmente acabar com o problema de forma simplista e pragmática, não há regra correta e sim um conjunto de ações que envolva uma articulação coletiva da sociedade, e a pesquisa antirracista é uma delas.

Nesse sentido, vale destacar:

[...] o que importa é entendermos como chegamos a ser o que somos e, a partir daí, contestarmos aquilo que somos. Se a sociedade é atravessada por relações de poder entre sujeitos livres, há possibilidade de resistência, de contestação e de transformação, o que possibilita deslocar certezas e

questionar verdades (HENNING; HENNING, 2012, p. 12).

Consideramos o espaço da dança afro na cidade de Pelotas como uma possibilidade de investigação que poderá encontrar elementos acerca das relações de poder, resistência e de verdade na luta anti-racista. E aqui, mais uma vez, cabe lembrar Foucault (1997, p. 91) “[...] lá onde há poder há resistência [...]”.

Podemos romper com a lógica determinista, onde a idéia de dominação e vitimização consolidaram algumas verdades sobre as questões étnico-raciais se perpetuando na história. Esse olhar torna-se muitas vezes responsável por inúmeras exclusões e pelo silenciamento de saberes outros, não melhores ou piores, mas outros.

Os estudos foucaultianos permitem não reproduzir e naturalizar os fatos históricos referentes as questões étnico-raciais, mas evidenciar as articulações e os jogos de poder para pensarmos naquilo que somos. É no palco, no jogo, no reconhecimento ou na ausência deste, que se constrói as inúmeras posições de sujeito, já que somos idiossincráticos.

O caminho metodológico terá como cenário participantes do grupo de dança afro do Centro de Ação Social e Cultural- Odara, da cidade de Pelotas. Trata-se de pesquisa documental a partir do acervo do grupo e na busca em jornais. Utilizaremos também, a técnica de grupo focal (GONDIM, 2003). Percebemos que as trajetórias dos grupos de dança na cidade de Pelotas, articulados com as experiências de pertencimento e de posição e formação de sujeitos em espaços educativos não escolares, são territórios ainda pouco explorados e assim, temos como problema de pesquisa, “Como o grupo de dança afro Odara, da cidade de Pelotas, contribuem na formação de sujeitos negros na atualidade?”. Busca-se os estudos foucaultianos, porque não se acredita na história como se pudéssemos estabelecer uma origem, ou uma linha de continuidade que tem um fim específico.

A dança afro apresenta-se como um potente artefato cultural na discussão étnico-racial da cidade de Pelotas.

Referências

DEI, George J. Sefa. Questões críticas nas metodologias de investigação antirracista. Uma introdução. In.: DEI, George J. Sefa; JOHAL, Duerpreet Singh (org). **Metodologias de investigação Anti-racistas: questões críticas**. Portugal: Edições pedago: 2008. p-p: 9-44.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de

Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal: 1997.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.

HENNING, Clarissa Corrêa; HENNING, Paula Corrêa. Sobre verdades inventadas e mentiras potentes: práticas de si como espaço de resistência. *In.*: HENNING, Paula (org.). **Cultura, ambiente e sociedade.** Rio Grande: Universidade Federal de Rio Grande, 2012. p. 9-32.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como Técnica de investigação qualitativa: Desafios Metodológicos.** 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>. Acessado em: 08 de novembro de 2015.